



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Leandro Gonçalves de Rezende
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Manoel Ribeiro Rosa e a Irmandade de São José de Vila Rica: breve trajetória artística

Atualmente, a produção historiográfica sobre as artes nas Minas Setecentistas cresceu substancialmente, criando e destruindo mitos. No entanto, uma leva de bons escultores, entalhadores, pintores, mestres pedreiros, enfim, vários artistas e artífices ainda não foram contemplados pelas pesquisas, principalmente no estudo das ações individuais, valorizando as técnicas de trabalho, os domínios materiais, a vivência, bem como o campo da ação e do conflito. Assim sendo, destacaremos o pintor Manoel Ribeiro Rosa, que no último quartel do século XVIII até 1808, ano de sua morte, “exercendo a arte da pintura”, deixou um grande legado nas diversas frentes em que atuou. Sua obra, com características próprias, é de uma refinada delicadeza, sendo muitas vezes atribuída a outros mestres da pintura colonial mineira. Nascido em Mariana, por volta de 1757, Rosa era pardo e além de pintor atuava como furriel. Polivalente, ele executou a pintura de forros, douramento de altares, prateamentos e a carnação de imagens para importantes associações religiosas de Vila Rica e região. Nessa oportunidade, analisaremos a sua trajetória dentro da Irmandade de São José de Vila Rica, examinando sua produção artística enquanto pintor do forro da capela-mor, sendo o mesmo documentado desde o ajuste inicial até o termo de entrega.

No século XVIII mineiro, as Irmandades e posteriormente as Ordens Terceiras constituíram-se em grandes mecenas das artes, encomendando a ornamentação de seus templos para melhor praticar a espiritualidade e o culto católico. Nesse sentido, Rosa foi um sujeito histórico que participou das estruturas sociais do período, marcadas sobremaneira pelo poderio da igreja; local privilegiado, no qual o artista poderia executar sua obra, e ele o fez com maestria, relacionando-se com importantes associações religiosas. Membro da Irmandade de São José, em 10 de setembro 1779, Rosa assinou um termo de ajuste com a mesa administrativa sobre a pintura da capela-mor, incluindo o forro, no qual se representaria “o despozorio do Senhor São José, com sua tarja com seus ornatos e no todo dela sua prospectiva até a cimalha real”. Em cinco recibos consta que o pintor recebeu mais de 75 oitavas de ouro pela pintura, que foi entregue e aprovada em 1783. Nosso estudo coteja a pesquisa arquivística com o trabalho de campo, de modo a contribuir nesse eminente assunto, valorizando a produção de um pintor por hora esquecido, não obstante a qualidade e a importância de sua obra pictórica.